

TURISMO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: UM EXERCÍCIO DE IMERSÃO NO PARQUE NACIONAL DO CAPARAÓ, MG/ES

Lucas de Lima Fernandes Padoan¹

RESUMO

O Parque Nacional do Caparaó (PARNA Caparaó) localiza-se na divisa entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, abrangendo quatro municípios mineiros e sete capixabas. Por estar localizado na porção sudeste do país e possuir o terceiro pico mais alto – o Pico da Bandeira, se configura como um atrativo a nível nacional, recebendo visitantes na maior parte do ano em função de sua beleza paisagística natural e as experiências particulares que as trilhas proporcionam. Considerando essa notória importância do parque, pretende-se aqui discutir sobre a imersão no espaço que o uso público nessa unidade de conservação possibilita, refletindo sobre sentimentos suscitados e as relações estabelecidas com o lugar a partir de diversas experiências individuais. Desse modo, foi montada uma breve descrição da área física com a finalidade de buscar entender como a paisagem se organiza para possibilitar interpretações da área. Por fim, ressaltamos a importância da imersão e da busca por um turismo pessoalizante, principalmente no tocante a uso público em unidades de conservação, uma vez que assim torna-se possível pensar em preservação do ponto de vista da conscientização ambiental e educação ambiental.

Palavras chave: Unidades de Conservação; Turismo; Imersão.

ABSTRACT

The Caparaó National Park is located on the border between Minas Gerais and Espírito Santo, covering four municipalities of the two states. It is located in the southeastern portion of the country and has the third highest peak - Pico da Bandeira - just shaping up as an attractive nationally, receiving visitors mostly in the year because of his natural beauty and particular experiences that trails provide. Considering these features of the park, we intend to discuss the immersion within the public use in this protected area, reflecting on raised feelings and relationships with the place from several individual experiences. Thus, we made a brief description of the physical area in order to try understand how the landscape is organized. This allowed interpretations about the development of the area. Finally, we emphasize the importance of immersion and the search for personalized tourism, particularly with regard to public use in protected areas, since so it becomes possible to think of preserving in the point of view of awareness and the environmental education.

Keywords: Protected Areas; Tourism; Immersion.

INTRODUÇÃO

“Uma das lembranças mais caras de uma velha dama amiga minha, recentemente falecida, era de quando visitava, há cerca de sessenta anos, uma grande casa de campo onde encontrava várias das pessoas mais

¹ Bacharel em Ciências Socioambientais. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: lpadoan2@hotmail.com

eminentes daquele tempo, e o anfitrião, já idoso, chefe de uma família antiga e ilustre, demonstrava afeição pelas suas velhas árvores. Seu maior prazer era sentar-se ao ar livre, ao entardecer, tendo diante dos olhos as velhas e grandes árvores de seu parque; antes de se recolher ele fazia uma caminhada para cumprimentá-las uma a uma, e descansando a mão na casa lhes sussurrava boa noite. Estava convencido, confidenciou à sua jovem hóspede, que sempre o acompanhava nesses passeios de fim de dia, de que elas tinham almas inteligentes e conheciam e encorajavam sua devoção” (HUDSON, 1939 *apud* THOMAS, 2010).

Pode-se afirmar que a idéia de paisagem acompanha a existência humana, visto que nossa sobrevivência depende restritamente da relação estabelecida com o ambiente em si. Desse modo, considera-se que a paisagem está intrinsecamente alinhada em nossa trajetória e sua essência está presente em nossa memória antes mesmo da elaboração de seu conceito (MAXIMIANO, 2004).

A relação do homem com a paisagem é dinâmica, estamos a todo instante – em nossa prepotência – produzindo e organizando o espaço. Dessa maneira, é interessante destacar que as nossas percepções também se modificam ao longo do tempo em meio a contextos temporais e culturais distintos. Keith Thomas (2010) enfatiza exatamente as mudanças de atitude do homem com as florestas, onde se deixa de vê-las como algo rústico e selvagem e passa-se a enxergá-las como um refúgio de beleza natural e espiritual.

A noção de paisagem, segundo Milton Santos (1988), é definida como tudo aquilo que vemos, o que ouvimos e o que sentimos. Apesar de que o conceito é bastante diverso e apresenta inúmeras considerações, a idéia trabalhada de que a paisagem se torna algo subjetivo e pessoal é imprescindível para esse artigo, uma vez que discutiremos aqui a imersão pessoal em trilhas.

É notória a crescente busca do ser humano por áreas naturais através de atividades turísticas. Siqueira (2004) justifica a intensificação das viagens para longe de centros urbanos em função do estresse da vida moderna. Assim, as unidades de conservação destacam-se como espaços receptores daqueles que procuram esse contato mais íntimo com o ambiente, ou mesmo apenas para momentos de lazer. É nesse sentido que inserimos o Parque Nacional do Caparaó (PARNA Caparaó) como uma importante área protegida capaz de oferecer atividades de uso público e recreação.

O PARNA Caparaó localiza-se na divisa entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, abrangendo os municípios mineiros de Alto Caparaó, Caparaó, Alto Jequitibá, Espera Feliz e os municípios capixabas de Iúna, Ibitirama, Irupi, Dolores do Rio Preto, Divino de São Lourenço, Guaçuí e Alegre (**Figura 1**). A unidade de conservação foi instituída por meio do Decreto Federal nº 50.646, em 24 de maio de 1961, abrangendo 31.762 hectares, incluindo o terceiro ponto de maior altitude em território nacional, o Pico da Bandeira, com 2.892 metros (IBGE, 2004).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse estudo é resultado de um caminho metodológico dividido em três etapas, onde foi realizado (i) uma pesquisa bibliográfica preliminar; (ii) atividades de campo e coleta de dados; (iii) análise dos dados e confecção do documento final.

Em um primeiro momento realizamos uma pesquisa bibliográfica em literatura acadêmica que nos pudesse subsidiar informações com a finalidade de propor discussões e dialogar com a temática central do estudo.

A segunda fase dividiu-se em duas atividades de campo realizadas no Parque Nacional do Caparaó, uma em junho/2013 e outra em agosto/2014. Os trajetos em ambos os campos foram registrados por GPS, anotações pessoais, registros fotográficos e conversas informais estabelecidas durante as vivências.

A última etapa configura-se numa verificação de dados colhidos com a finalidade de propor discussões e reflexões a respeito da experiência realizada. Foi elaborada uma breve descrição da área física com a finalidade de buscar entender como a paisagem se organiza para possibilitar interpretações da área. Por fim, foi montado um diário de campo, contendo as principais observações e sentimentos suscitados ao longo da atividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

a) Roteiro da atividade de campo

O roteiro realizado em ambas as atividades de campo aqui relatado (junho/2013 e agosto/2014) é caracterizado por uma trilha que ascende ao Pico da Bandeira, partindo da portaria do Parque Nacional do Caparaó no município de Alto Caparaó (MG). É válido ressaltar que aqui discutiremos sobre a trilha realizada a partir da entrada por Minas Gerais, uma vez que também há a possibilidade de se atingir ao pico partindo da portaria de Pedra Menina, no Espírito Santo.

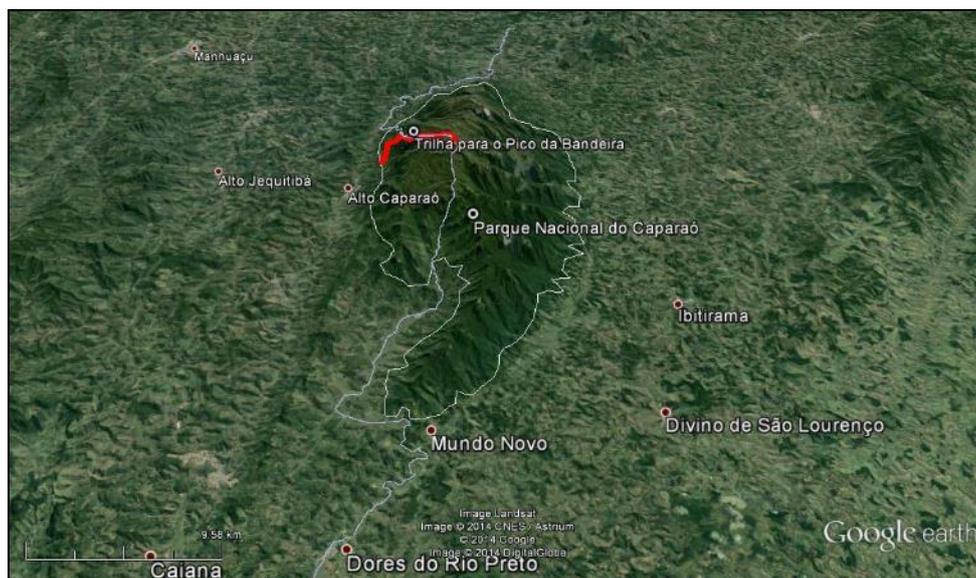


Figura 2. Inserção geográfica da trilha. Fonte: Google Earth.

A **Figura 2** coloca em evidência os limites do parque sobre uma perspectiva da configuração estadual e municipal. O trajeto em vermelho representa os 12 km de caminhada (**Figura 3**) efetuados nos trabalhos de campo.



Figura 3. Trilha para o Pico da Bandeira. Fonte: Google Earth.

Os 5 km iniciais são realizados por uma estrada de terra, partindo da portaria do parque até o primeiro ponto de acampamento – Tronqueira, sendo o limite para subida de veículos. A partir do mesmo, seguimos por mais 4 km de caminhada até o segundo e último ponto de acampamento - Terreirão, sendo realizado exclusivamente a pé. Por fim, temos a subida ao Pico da Bandeira, caracterizado por cerca de 3 km, onde a declividade e altitude intensificam-se abruptamente, aumentando o grau de dificuldade.

b) Formações vegetais

Foi possível caracterizar os tipos de cobertura vegetal que se aplica ao maciço do Caparaó, utilizando, principalmente, o sistema de classificação empregado pelo IBGE, levando-nos a identificação de dois grandes ecossistemas: (i) Mata Atlântica e (ii) campos rupestres e de altitude.

Segundo o ICMBio (2014), é possível dividir o bioma Mata Atlântica em duas unidades florísticas principais dentro do PARNA Caparaó: Floresta Perenifólia Higrófila Costeira e Floresta Subcaducifólia Tropical. A primeira tem sua ocorrência, em geral, sobre planícies costeiras do estado do Espírito Santo e Rio de Janeiro, justificando sua ocorrência em função das condições de alta umidade e pluviosidade. A segunda unidade surge nas bordas de regiões serranas, escalando o maciço do Caparaó, adentrando sobre o estado de Minas Gerais, sendo caracterizada pela sua adaptabilidade a um clima mais seco e a presença de espécies caducifólias.

Os campos rupestres e de altitude são caracterizados como ecorregiões localizadas nas proximidades do encontro de dois ecossistemas emblemáticos, a Mata Atlântica e o Cerrado,

tratando-se, portanto, de uma unidade florística de transição, constituindo uma grande biodiversidade local, o qual está diretamente associado a diversos fatores ambientais e ecológicos (MESSIAS, 2012). Torna-se válido ressaltar a importância da heterogeneidade da paisagem no que tange a respeito dessa unidade vegetacional, uma vez que se faz necessário observar a diversidade florística entre campos rupestres e de altitude distintos, suscitando no alto endemismo local (JACOBI, 2008).

Segundo a caracterização florística realizada pelo IBDF (1981), os campos de altitude ocorrem, geralmente, por volta dos 900/1.000 metros de elevação, contudo, no caso da Serra do Caparaó, os campos surgem em torno de uma altitude de 2.000 metros. A vegetação é rasteira e arbustiva, característica essa atribuída ao solo raso, geralmente turfoso e negro. Os campos rupestres e de altitude no Caparaó, segundo o ICMBio (2014), se encontram bem deformados em decorrência da presença de ungulados domésticos e pela incidência frequente de fogo.

Por fim observa-se, segundo o Plano de Manejo da UC (1981), a ocorrência de Vegetação Litorânea, no entanto, a mesma não foi identificada ao longo da trilha realizada em campo, uma vez que a mesma possivelmente está localizada mais adentro da porção do parque no estado do Espírito Santo.

c) Geologia local

A região montanhosa, segundo o Plano de Manejo (1981), compreende parte da Serra do Mar e Serra da Mantiqueira, sendo desdobrada nos planaltos rebaixados e nos maciços isolados, onde o destaque é o Caparaó.

Assim, pode-se considerar que o Maciço do Caparaó integra uma extensa cadeia de dobramentos soerguida na região sudeste do país durante o ciclo Brasileiro, ocorrido há cerca de 630 a 550 milhões de anos atrás (SOLLNER *et al*, 1989). Desse modo, acredita-se que as formações rochosas da Serra do Caparaó foram originadas há 2 bilhões de anos, sendo, portanto, apenas retrabalhadas no ciclo Brasileiro, período em que se constatou intensa atividade geológica (NOVO *et al*, 2011).

Segundo Novo *et al* (2011), a geologia da Serra do Caparaó pode ser subdividida em três unidades maiores relativo a homogeneidade litológica: (i) o embasamento; (ii) a cobertura metassedimentar neoproterozóica e (iii) os granitoides neoproterozóico-cambrianos. O embasamento é representado por gnaisses granulíticos e migmatitos, os quais sustentam a Serra; em seguida temos a cobertura metassedimentar formada por paragneisses migmatizados; por fim, temos os granitoides foliados e gnaissificados.

d) Diário de campo

Os diários de campo eram muito comuns e apresentavam extrema importância nas viagens exploratórias no Brasil por naturalistas do sec. XVIII e XIX, uma vez que continha toda a coleta de dados e as observações pessoais. Nosso intuito, ao propor um diário de campo é recriar a mesma atmosfera exploratória com a finalidade de induzir a imersão no ambiente e facilitar a recepção de sentimentos.

Todo o trajeto é realizado dentro do PARNA Caparaó, o qual tem seu início na portaria do próprio parque (**Figura 4**), marcado pela subida ao primeiro ponto de acampamento – Tronqueira. Os primeiros 5 km podem ser realizados de duas maneiras, caminhando ou através de veículos motorizados (privado ou por meio de aluguel previamente agendado). A subida é longa, feita por uma estrada de terra sinuosa e com rápida elevação altimétrica ao longo do percurso, contudo, a opção de caminhar garante a parada em inúmeros mirantes que, se realizada em veículos, torna-se inviável.



Figura 4. Portaria do PARNA Caparaó.
Foto: Acervo próprio



Figura 5. Mirante situado na caminhada para a Tronqueira. Foto: Acervo próprio.

A chegada na Tronqueira coincidiu com o pôr do sol, garantindo uma visão incrível ao longo do percurso, superado após muito cansaço (**Figura 5**). Existe a opção de contratação de mulas junto aos moradores da região com a finalidade de levar as mochilas e equipamentos até um ponto de acampamento combinado, o que reduz o esforço físico do caminhante durante a maior parte do trajeto.

A Tronqueira representa o limite final para todos os veículos. A partir dali é necessário adentrar numa trilha rumo ao Terreirão, uma caminhada de 3 km. Em um primeiro momento, a impressão é de que o trajeto é curto e rápido, contudo, a irregularidade do terreno, as variações altimétricas e vegetativas proporcionam maiores graus de dificuldade na trilha.

As trilhas dentro do parque são sinalizadas através das estacas presas ao solo e setas pintadas na cor amarela em afloramentos expostos e/ou boulders, indicando a direção do caminho correto a ser tomado. As estacas sinalizadoras são pintadas com uma tinta fosforescente, uma vez que há a possibilidade de realizar a caminhada no período noturno. Dessa maneira, torna-se necessário a manutenção periódica desses pontos de sinalização, ação fundamental para a localização do caminho e para aqueles que não possuem experiência em trilhas. Entretanto, foi observada, com certa frequência, algumas estacas com funcionalidade comprometida (**Figura 6**).



Estaca sinalizado em estado regular de uso.



Estaca sinalizadora em estado de uso comprometido.

Figura 6. Estado de conservação das estacas sinalizadoras. Foto: Acervo próprio.

Assim como nas estacas, observou-se o mesmo problema relacionado à manutenção das setas, visto que muitas delas já estão comprometidas por agentes intempéricos e pisoteio (**Figura 7**).



Seta sinalizadora em estado regular de uso



Seta sinalizadora em estado irregular de uso.

Figura 7. Estado de conservação das setas sinalizadoras. Foto: Acervo próprio.

Um ponto interessante a ser destacado é a rápida mudança da cobertura vegetal, ocasionada pelas alterações de altitude. Próximo à portaria (1.400m) e na Tronqueira (1.600m) observamos uma vegetação característica de Mata Atlântica e, à medida que nos aproximamos dos 2.000 metros de altitude, vemos a gradativa diminuição da densidade da cobertura vegetal, bem como a diminuição do porte arbóreo e, por fim, destaca-se a transição para os campos de rupestres e de altitude. (**Figuras 8 e 9**)



Figura 8. Vegetação na trilha a 1.600 metros. Foto: Acervo próprio.



Figura 9. Vegetação na trilha a 2.200 metros. Foto: Acervo próprio.

Se por um lado a elevação é um componente ambiental que dificulta a caminhada, sob a perspectiva ecológica a altitude atua como um fator importantíssimo para a configuração dos elementos da paisagem e, por consequência, um condicionante da biodiversidade local. Desse modo, traçamos o perfil altimétrico da trilha no PARNA, sendo possível perceber pequenas oscilações em microescala (**Figura 10**). Neste perfil a portaria do parque foi o ponto de partida e o Pico da Bandeira como ponto final.

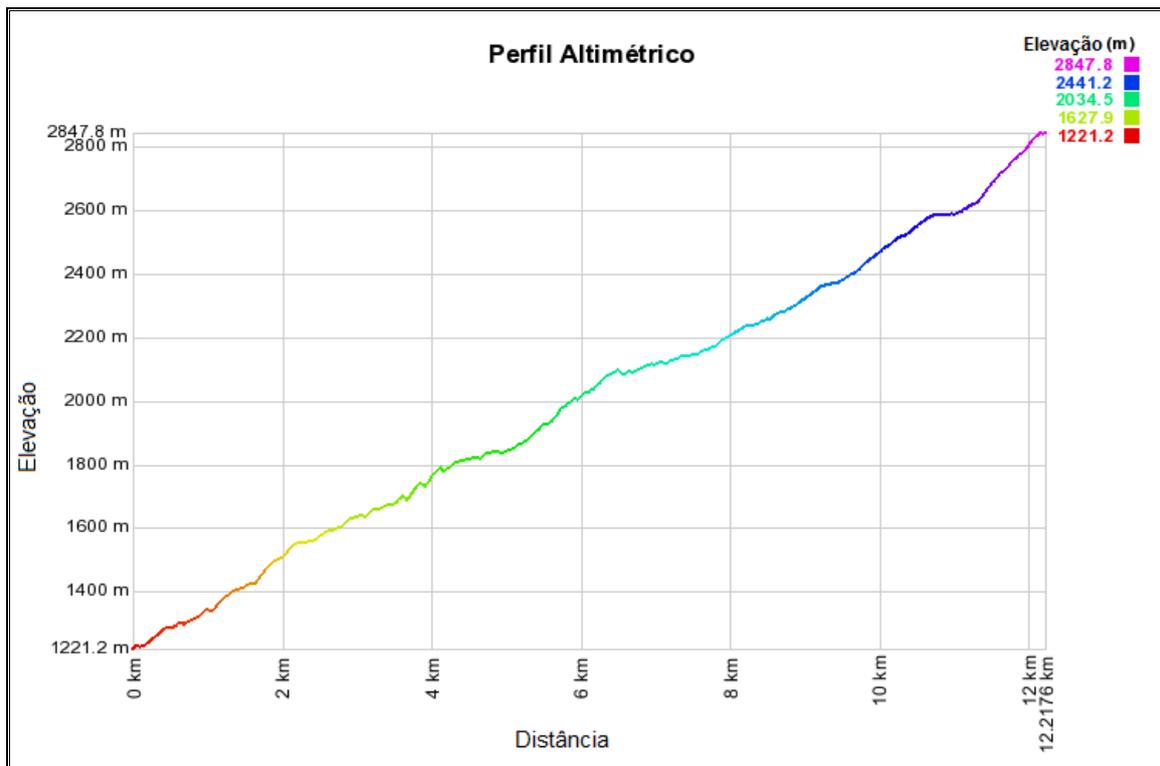


Figura 10. Perfil altimétrico da trilha no PARNA Caparaó.

As sensações provocadas pelas variações nas altitudes vão depender do horário que a caminhada é feita. A subida para o Terreirão foi realizada à noite, o vento se tornava cortante e o frio intensificava-se na medida em que subíamos. Apesar das condições adversas, o silêncio em meio ao som do curso d'água e dos passos sobre a terra trazia uma paz inexplicável.

É válido destacar que a cobertura vegetal como um todo apresenta-se em bom estado de conservação. Segundo Santos (2013), a população local mantinha uma relação de dependência com a Serra do Caparaó antes da inserção do PARNA, o que possivelmente garantiu certo grau de preservação. A criação do parque está contribuindo com a manutenção da área verde, contudo, o uso público também trouxe alguns problemas, principalmente no que diz respeito à produção de resíduos sólidos, afetando a vegetação e os cursos hídricos, particularmente nas proximidades da trilha. Nas áreas de camping há inúmeras lixeiras para depositar os resíduos advindos das atividades de lazer, mas o principal problema observado nos dois percursos de campo foi a grande quantidade de papel higiênico descartado de maneira incorreta ao longo da trilha.

A chegada no Terreirão em meio à luz do luar é acompanhada de uma sensação de alívio pela possibilidade de descanso. Ao deitar na grama e olhar para o céu, nos defrontamos com uma das visões mais bonitas do trajeto, já que a região sofre pouca influência da iluminação das cidades próximas, mantendo o céu limpo para a observação dos astros. Com o objetivo de aproveitar ao máximo a experimentação no PARNA, a ascensão ao Pico da

Bandeira foi realizada durante a madrugada com o intuito de ver o nascer do sol. O vento forte e o frio intenso penetravam facilmente na barraca, dificultando o descanso.

A subida para o cume foi realizada sem mochilas, onde as mesmas permaneceram nas barracas, o que trouxe certa leveza e rapidez aos últimos 3 km de caminhada sobre um terreno extremamente irregular. Um dos fatores que mais dificultou a ascensão foi o frio, marcado pelo congelamento do terreno e parcialmente dos cursos d'água (**Figura 11**).



Figura 11. Ação do frio sobre o terreno nas proximidades do cume. Foto: Acervo próprio

A chegada e a conquista do terceiro ponto mais alto do território brasileiro foi marcada pela euforia e qualquer dificuldade encontrada pelo caminho foi deixada para trás. Assistir o nascer do sol, lento e gradativo, observando os raios solares abraçarem as nuvens e atingir o cume, proporcionou não só aquecer o corpo, mas também o aquecer da alma. (**Figura 12**)



Figura 12. Nascer do sol no Pico da Bandeira. Fonte: Acervo próprio.

e) O turismo pessoalizante

Com a crescente busca por áreas naturais como refúgio da vida no meio urbano, o ecoturismo tem sido uma das principais atividades almejadas, possibilitando um contato mais próximo com a natureza. Corroborando com essa idéia, Pires (1998) afirma que o termo ecoturismo se refere a um turismo alternativo que vem ganhando espaço frente à crise ambiental e a conscientização dos problemas acarretados pelo ser humano.

As atividades voltadas para o ecoturismo podem ser classificadas como um exercício de apreciação da beleza natural, juntamente com as manifestações culturais do passado ou do presente que possam existir, proporcionando, assim, contribuições positivas para o envolvimento das populações locais (CEBALLOS-LASCURÍAN, apud PIRES, 2002).

O ecoturismo, apesar de múltiplos conceitos e enfoques possíveis, absorve a relação existente entre turismo – ambiente e promove um caldeirão de idéias que vai muito além da responsabilidade e contemplação ambiental. Em uma série de definições exposta por Pires (2002), é possível traçarmos um ponto em comum: o abarque da dimensão social e cultural no sentido de valorização e envolvimento.

Em Gontijo (2003), temos uma provocação direta ao conceito de ecoturismo, colocado pelo autor como uma atividade ilusória, uma vez que se encontra inserida num modelo reprodutor do sistema capitalista.

O turista que se quer “eco”, está longe de integrar-se plenamente com a natureza, longe também de integrar-se com as comunidades locais. Ele não sacraliza a terra da maneira como os índios o fazem. Muito pelo contrário, ele é fruto e parte de uma sociedade, dita moderna, que trabalhou sempre no

sentido de profanar o altar sagrado da natureza, adotando um modelo de desenvolvimento predador dos recursos naturais do globo. Não carregamos a natureza dentro de nós, não somos natureza, por isso nossa dificuldade em recepcioná-la. Não queremos abrir mão de nossos confortos, não queremos nos afastar dos mitos da sociedade moderna – do mito do possibilismo tecnológico, do mito do possibilismo monetário, do mito recente da globalização. Esquecemos muito rapidamente de nosso passado e não temos qualquer respeito por nossos antepassados. (GONTIJO, 2003)

Em contraponto ao conceito de ecoturismo cunhado e ao ecoturismo assimilado, podemos levar a discussão mais adiante, onde colocamos as atividades de campo enquanto um exercício que leva ao processo de descoberta e redescoberta do patrimônio humano e natural, tornando possível a reprodução de práticas que, em função do grau de integração com a paisagem em suas diversas facetas, levem a atitudes ambientalmente e espiritualmente positivas (GONTIJO & REGO, 2001).

É interessante o modo como Gontijo & Rego (2001) enfatizam que há uma necessidade de ler os elementos da paisagem em um movimento horizontal, onde contemple-se tudo aquilo que está a sua volta, assim como deve-se olhar para o interior de nós mesmos, em um movimento vertical, levando-nos a um encontro interior. Nesse sentido, se faz necessário buscar uma atividade pessoalizante, onde a percepção da paisagem vai para além de um olhar inicial, restrito a leitura horizontal e limitado ao “isso”. Partindo das percepções iniciais, deve-se ir atrás de uma busca interior em direção do “eu”, assim como exterior, em direção do “tu”, promovendo, de tal modo, uma integração na experiência e, como resultando, a transformação do “isso”.

Por fim, não é nosso objetivo comparar tipologias turísticas e muito menos avaliá-las, mas sim chamar a atenção pela extrema importância de exercitar uma atitude turística pessoalizante, onde procuramos a autorreflexão e o olhar integrado entre o “eu” e a paisagem.

CONCLUSÕES

O presente trabalho tem o objetivo principal de recriar uma atmosfera exploratória, tentando através de um pequeno relato, recontar de maneira breve a vivência e experiência em meio a uma unidade de conservação. É comum dizermos que o maior estímulo de uma caminhada é o destino final, um ponto de extrema importância a que se pretende chegar – no caso do PARNA Caparaó, o Pico da Bandeira. Contudo, tentamos aqui fornecer dados que provem, seja por palavras ou fotografias, a frase de Enos Mils: “a essência está em aproveitar a viagem ao invés de chegar”.

Nesse sentido, é importante lembrar que aqui tratamos de observações e registros pessoais, o que nos faz lembrar de que a mesma trilha é capaz de proporcionar uma imersão totalmente distinta para outros caminhantes. As emoções e os sentimentos suscitados a partir da experimentação fazem parte do processo de transformação de locais para lugares. É importante frisar que aqui refletiu-se apenas sobre a caminhada até o Pico da Bandeira, sendo necessário destacar a existência de inúmeras outras atrações do parque.

Outro ponto importante presente nesse trabalho é incentivar o uso público em unidades de conservação, difundindo a idéia de imersão no espaço e abrindo a possibilidade para o questionamento e reflexão individual sobre a relação homem-natureza. É fato que grande parte das pessoas optam por viver sobre o conforto de uma vida urbana e dinâmica, dentro de seus comodismos e do possibilismos tecnológicos, o que contribui de maneira negativa para um bloqueio do exercício de imersão.

Hoje existem cerca de 780 unidades de conservação no Brasil, sendo 320 federais (ICMBio), cada uma com sua especificidade. Nesse sentido, torna-se preciso reconhecer o uso público em áreas protegidas como um ponto chave para a conservação da biodiversidade, uma vez que aproxima a sociedade dessas áreas e oferece a oportunidade de despertar o interesse para preservação ambiental, uma vez que coloca o indivíduo em contato com áreas naturais (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2007). A divulgação de experiências no uso público em unidades de conservação torna-se importante, na medida em que contribui para a o incentivo à visitação em UCs e para a conscientização ambiental.

Desse modo, podemos ver o uso público em áreas protegidas como uma importante ferramenta para a educação ambiental, abrindo espaço para que seja trabalhada de inúmeras formas em prol da preservação. Nesse sentido, destaca-se a importância ecológica para a conservação do PARNA Caparaó, bem como ressaltar a relevância didática da trilha aqui trabalhada, uma vez que a mesma apresenta aspectos pedagógicos para se trabalhar temas atrelados a ecologia, geologia e áreas afins.

Por fim, cabe ressaltar a dificuldade de descrever a vivência em palavras, um processo árduo ao sintetizar sentimentos em uma frase, ainda assim, o registro se mantém vivo em memória. Deixamos, portanto, um convite para a busca de uma atitude turística pessoalizante, a qual facilita a imersão no espaço, levando-nos a reflexão e a crítica, integrando o indissociável: o homem e a natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONTIJO, Bernardo; REGO, Jackson. **Por uma Atitude Turística Pessoalizante**. In: Turismo: sustentabilidade e novas territorialidades. Editora da Universidade do Amazonas. Manaus, 2001.

IBGE. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012. 271 f., 1º edição.

IBGE. Notícias. **Quatro picos brasileiros têm sua altitude alterada**. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em: 11/08/2014

IBGE. Notícias. **Quatro picos brasileiros têm sua altitude alterada**. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em: 11/08/2014.

ICMBIO. **Parque Nacional do Caparaó: Natureza local**. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/parnacaparao/natureza-local.html>> Acesso em: 11/08/2014.

ICMBIO. **Unidades de Conservação**. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros.html>> Acesso em: 12/04/2015.

JACOBI, C. M. e CARMO, F. F. **Diversidade dos Campos rupestres ferruginosos no Quadrilátero Ferrífero, MG.** Departamento de Biologia Geral, Universidade Federal de Minas Gerais. *Revista Megadiversidade*, v. 4, n.1-2, Belo Horizonte, dezembro de 2008.

MESSIAS, M. C. T. B. *et al.* **Fitossociologia de campos rupestres quartzíticos e ferruginosos no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais.** *Acta Bot. Bras.*, v. 26, n. 1, Feira de Santana, março de 2012.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Unidades de Conservação do Brasil.** 2007.

NOVO, Tiago; NOCE, Carlos; PEDROSA-SOARES, Antônio. **Rochas granulíticas da suíte Caparaó na região do Pico da Bandeira: Embasamento Oriental do Orógeno Araçuaí.** In: *Geonomos*, 19 (2), p. 70-77, 2011.

PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do Ecoturismo.** São Paulo: Editora Vêrice, 2002.

PIRES, Paulo. **A dimensão conceitual do ecoturismo.** In: *Turismo – Visão e Ação*. Volume 1, n. 1, p. 75 – 91. Jan/jun de 1998.

RIZZINI, Carlos. (1979). **Tratado de Fitogeografia do Brasil: aspectos sociológicos e florísticos.** São Paulo: HUCITEC – EDUSP, 2º volume. 374 p. 1979.

SANTOS, E. M. B. **Parque Nacional do Caparaó: histórias de um lugar.** In: *HALAC*, v. III, n. 1, p. 117-143. Belo Horizonte, 2013.

SIQUEIRA, Lauren. **Trilhas interpretativas: uma vertente responsável pelo (eco)turismo.** In: *Caderno Virtual de Turismo*. Vol. 4, nº 4. 2004

SOLLNER, F., LAMMERER, B., WEBER-DIEFENCACH, D. **Brasiliano age of a charnoenderbitic rock suite on the Complexo Costeiro, Espirito Santo/Brazil: evidence from U-Pb geochronolgy on zircons.** *Zentralblatt fur. Palaontologie. Teil. I*, H56, 933.945, 1989

THOMAS, Keith. **O predomínio humano.** In: *O Homem e o Meio Natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e os animais (1500-1800)*. Cia das Letras, 2010.